



## Vozes transculturais em Olga Grjasnowa Trancultural Voices in Olga Grjasnowa

Dionei Mathias <sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo pretende discutir conexões transculturais no romance *Der Russe ist einer, der Birken liebt*, escrito por Olga Grjasnowa, nascida no Azerbaijão e radicada na Alemanha. Publicado em 2012, o romance aborda a questão de encontros culturais entre minoritárias e representantes hegemônicos, mostrando as diferentes formas de administrar e controlar a produção de redes culturais de sentido. Com foco nos personagens secundários, o artigo discute a formação de configurações transculturais no contexto da literatura alemã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Olga Grjasnowa. *Der Russe ist einer, der Birken liebt*. Vozes transculturais.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss transcultural connections in the novel *All Russians Love Birch Trees*, written by Olga Grjasnowa, born in Azerbaijan and currently living and working in Germany. Published in 2012, the novel deals with the question of cultural encounters between minorities and hegemonic representatives, showing different ways of managing and controlling the production of cultural nets of meaning. Focussing on minor characters, this article discusses the formation of transcultural configurations in the context of German literature.

**KEYWORDS:** Olga Grjasnowa. *All Russians Love Birch Trees*. Transcultural voices.

### Introdução

Na literatura de imigração, a negociação de ações e imagens no contexto nacional é praticamente inevitável. Atores que cruzam as fronteiras e tentam se estabelecer num novo espaço cultural automaticamente passam por um processo de atualização e reconstrução do imaginário em volta do lugar de origem e do lugar de destino, criando tessituras transculturais. No romance *Der Russe ist einer, der Birken liebt* ('O russo é alguém que ama bétulas') escrito por Olga Grjanoswa publicado em 2012, a transculturalidade parece ter um papel central na figuração das personagens. Assim, a jovem judia, que ocupa o papel de protagonista do romance, transita entre o Azerbaijão, país do qual seu país fogem por conta de conflitos bélicos, o Israel, por causa de sua socialização religiosa, e a Alemanha, o país no qual se refugiam. É a partir da perspectiva da protagonista e da voz narrativa autodiegética que o leitor também se inteira da situação de outros estrangeiros no contexto da sociedade alemã e suas conexões interculturais e transnacionais: Cem, o filho de imigrantes turcos na Alemanha, e Sami, o ex-namorado de origem libanesa que estuda nos Estados Unidos. Com foco nessas duas personagens secundárias, este artigo pretende discutir a questão da

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná e Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria

negociação cultural e dos processos de afiliação entre indivíduos, cujo pertencimento não se limita a um único espaço nacional.

Em seu estudo desbravador, Benedict Anderson (2008) mostra o papel da imaginação na construção de um discurso sobre um espaço nacional. Um dos objetivos do esforço dessa imaginação certamente reside na canalização de energias dos atores sociais que compõem esse espaço, a fim de garantir certa estabilidade interior. Quando o indivíduo, contudo, pertence a um contexto de filiações bilaterais ou mesmo múltiplas, esse trabalho de imaginação pode sofrer dispersões ou experimentar novas formas de organizar o pertencimento e a identidade cultural. Nesse sentido, termos como multiculturalismo, interculturalidade e transculturalidade têm sido discutidos para explicar as diversas configurações que vem surgindo na era da globalização.

O multiculturalismo parece representar um projeto político, baseado no desejo da criação de um estado nacional que acolhe e respeita a diferença étnica (TUNKEL, 2012, p. 95). No lugar de imaginar uma sociedade homogênea, em que todos seus atores sociais têm a mesma base cultural, aceita-se a diferença e procura-se fomentar a manutenção das peculiaridades culturais de cada grupo. No caso da interculturalidade, o objetivo parece residir numa forma de diálogo entre as diversas culturas, não tanto como projeto de imaginário nacional, mas antes como forma de encontro das culturas. O objetivo dessa linha de pensamento reside em tentar compreender o universo alheio e, se isso não for possível, aprender a suportar a diferença e tolerá-lo no espaço de interação (HOFFMANN, 2006, p. 12). Nessas duas abordagens, de certa forma, ainda se assume que há um certo grau de essência nas culturas que convivem ou que se encontram. Isto é, as fronteiras e os limites culturais permanecem e as unidades mínimas de sentido que compõem cada uma das culturas continuam estáveis.

A abordagem transcultural tenta desconstruir essas fronteiras, imaginando um espaço de interação social, no qual surgem configurações culturais que resultam de processos de negociações dos signos em questão, produzindo algo novo:

Transculturalismo ocorre quando pelo menos duas – e às vezes três ou mais – culturas não estão somente dialogando, mas também participando de um processo mais profundo e muitas vezes contraditório, no qual esclarecimento, mal-entendidos e reavaliação contínua da identidade estão em jogo. O objetivo final é transformar a identidade de cada um por meio de uma longa negociação árdua e por vezes dolorosa da diferença (DUPUIS, 2008, p. 500).<sup>2</sup>

No lugar da manutenção do princípio da estrangeirização, surge um espaço comum, no qual os atores sociais negociam as narrativas nacionais, sem a finalidade de construir identidades étnicas. Com base na hibridização dos discursos, surge uma nova tessitura cultural utilizada para a imaginação do espaço comum.

Contudo, ao contrário do multiculturalismo que em alguns países representa o discurso oficial para a imaginação do espaço nacional, como no Canadá, a transculturalidade não é um projeto político. Isso significa que esse fenômeno está muito

---

<sup>2</sup> “Transculturalism takes place when at least two – and sometimes three or more – cultures are not only engaged in dialogue, but partake in a more profound and often contradictory process, in which enlightenment, misunderstanding, and continuous reassessment of identity are at play. The ultimate aim is to transform each other’s identity through a long arduous, and sometimes painful negotiation of Otherness” (DUPUIS, 2008, p. 500). Onde não indicado de outra forma, a tradução é do autor deste artigo.

mais presente no nível individual do que na esfera pública. A exceção talvez seja a União Europeia que vem investindo recursos exorbitantes para fomentar uma tessitura comum, na qual as mais diversas nações desejam compartilhar uma narrativa, criando com isso uma rede cultural, na qual valores e ideias são veiculadas. No entanto, mesmo no continente europeu o princípio nacional ainda predomina no processo de imaginação, o que é reforçado pelos diversos passaportes. No plano individual, a transculturalidade se materializa quando a narrativa de identidade do sujeito se alimenta de signos e sentidos oriundos de discursos nacionais diversos, reinterpretando e transformando-os em algo novo.

Com base na reinterpretação e na construção de uma nova tessitura, surgem habitats de sentido (HANNERZ, 1996, p. 22), com suas formatações idiossincráticas. Nessas coordenadas o sujeito negocia aqueles sentidos que vão definir sua identidade e orientar seus valores pessoais, inserindo e descartando novos elementos de acordo com o capital cultural de que dispõe:

No entanto, nossos habitats de sentido naturalmente não vão depender somente daquilo a que estamos expostos num sentido físico, mas também das capacidades que construímos para dar conta disso de forma inteligente: as línguas que entendemos, escrevemos ou falamos, nossos níveis de instrução no que diz respeito a outras formas simbólicas e assim por diante (HANNERZ, 1996, p. 23)<sup>3</sup>.

De certa forma, também os interlocutores vão definir o que sujeito pode negociar. Assim, a meu ver, não basta deter um determinado capital cultural para se apropriar de novos espaços de sentido. Esse processo também vai depender, em grande parte, dos atores sociais que estão envolvidos nele, não somente no que concerne à dimensão prática desse capital cultural, mas também do poder que determinado sujeito tem e daquilo que ele deseja alcançar nas negociações. Assim, a dimensão do capital cultural não é suficiente para definir que tipo de espaço semântico cada ator social vai construir. Isso está atrelado em grande parte também à imagem que ele tem do espaço que habita.

Nesse sentido, este artigo deseja discutir como membros de comunidades minoritárias negociam os sentidos que circulam no espaço cultural hegemônico, levando em consideração os projetos culturais que seus interlocutores têm em mente. Essas interações revelam a imagem nacional inerente a suas ações assim como o projeto de identidade cultural que imaginam para seu espaço. Grjasnova empreende um esforço para discutir a presença de minorias em coordenadas hegemônicas e a dificuldade de desconstruir os muros que separam atores sociais, encenando novos habitats de sentido pessoal.

---

<sup>3</sup> “Yet our habitats of meaning will of course depend not only on what in some physical sense we are exposed to, but also on the capabilities we have build up for coping with it knowledgeably: the languages we understand, write or speak, our levels of literacy with respect to other symbolic forms, and so on” (HANNERZ, 1996, p. 23).

## 1. A presença turca na Alemanha

Como a protagonista e voz narrativa autodiegética pertence a um contexto transcultural, no qual circulam tessituras do Azerbaijão, da cultura judaica e do novo contexto alemão, seu círculo de amizades está composto em grande parte por indivíduos que têm socializações culturais igualmente complexas e diversificadas. A própria experiência de deslocamento cultural propicia uma sensibilidade mais aguçada para os conflitos que envolvem minorias e obviamente também um interesse político em representar e dar voz àqueles que possuem uma trajetória semelhante. Desse modo, Cem, o amigo turco, em diferentes momentos do enredo tematiza sua experiência como filho de imigrantes e o modo como ele imagina o espaço nacional.

Apesar de ter nascido no país para o qual seus pais emigraram, seu pertencimento passa por constantes provas de legitimação, o que resulta numa sensação de ambiguidade no momento da imaginação do espaço nacional e, mais ainda, ao negociar os sentidos que vão compor a base para ações e comportamentos. A partir da perspectiva desse personagem secundário, o leitor se vê confrontado com as diversas formas de administrar o entendimento cultural em práticas cotidianas, as quais nem sempre estão voltadas para o exercício da tolerância ou da inclusão da diversidade. Pelo contrário, há em muitos episódios um anseio de manutenção de um suposto purismo ancestral, defendido com base num discurso de superioridade civilizacional. Para isso, a construção de muros simbólicos e de clubes de pertencimento é recorrente.

Ao rememorar seu período de socialização escolar, o personagem identifica vários momentos, nos quais se tecem redes de exclusão. Assim, no quarto ano do ensino primário, quando professores alemães escrevem suas recomendações sobre as escolas que os alunos devem frequentar na sequência, o protagonista tem a sensação de não ser avaliado pelos mesmos critérios adotados para crianças oriundas de países que gozam da simpatia naquele país (GRJASNOWA, 2012, p. 220). Apesar de dominar a língua perfeitamente, o acesso ao sistema de chances é desigual, não somente no que diz respeito ao acesso a capital cultural, mas também em relação a redes simbólicas:

Mais tarde vinham as constantes perguntas: De onde você vem? Ou: Você sente como alemão ou como turco? Aos dezesseis precisei ir ao Departamento de Imigração por cauda da permissão de residência. Qual é? Eu nasci aqui. Nem sequer pude participar da viagem ao final do ensino médio, eles foram para Londres, e eu não consegui um visto. Sabe o que a professora me disse? Se fôssemos pessoas decentes, já teríamos o passaporte alemão há muito tempo (GRJASNOWA, 2012, p. 221)<sup>4</sup>

Já numa escola que prepara para as universidades, ele volta a ter suas chances de participação diminuídas por conta da história de imigração da família, mas mais importante que isso, ele precisa dar conta do constante questionamento acerca de seu

---

<sup>4</sup> “Später kamen die ständigen Nachfragen: Woher kommst du? Oder: Als was fühlst du dich, als Deutscher oder als Türke? Mit sechzehn musste ich zum Ausländeramt wegen der Aufenthaltsgenehmigung. Ich meine, was soll das? Ich bin hier geboren. Ich konnte nicht mal mit auf die Abi-Fahrt, sie sind nach London gefahren, und ich habe kein Visum bekommen. Weißt du, was meine Lehrerin zu mir gesagt hat? Wenn wir anständige Menschen wären, hätten wir schon längst den deutschen Pass“ (GRJASNOWA, 2012, p. 221).

pertencimento, incluindo nisso comentários de atores sociais com um papel central de representação como é o caso dos professores. Estes, tanto ao final do ensino primário com ao final do ensino médio, parecem não enxergar o filho de imigrantes turcos como alguém que realmente faz parte daquele espaço cultural. Parece haver tolerância, ao menos na modalidade prevista pela lei, mas a imaginação de nação por parte dos professores ainda não prevê uma configuração transcultural, na qual também esse ator social tivesse uma voz que pudesse inserir seus sentidos pessoais. Nesse contexto, as culturas são compartimentalizadas, criando zonas reais de contato somente nos casos que despertam a simpatia da cultura anfitriã.

Para resistir ao princípio de determinação cultural, Cem adota e cria sentidos pessoais que transcendem a pureza da cultura local. Apesar das práticas de exclusão, ele não desiste da sociedade em que vive, investindo na língua e adaptando-se às regras que organizam a distribuição de chances. Ao mesmo tempo, se volta também para a cultura de seus pais, adquirindo um conhecimento linguístico que o permite transitar em círculos instruídos do país de origem de sua família (GRJASNOWA, 2012, p. 56). Contudo, Cem não se volta para o mito do retorno como o faz o pai quando este se vê confrontado com malabarismos argumentativos, no partido político do qual deseja participar para contribuir com o processo de integração:

Integração bem-sucedida demanda clareza no lugar de embromação, consequência no lugar de exclusão. Cosmopolitismo, respeito mútuo e Law and Order fazem parte de uma só coisa. E para o convívio de pessoas com uma socialização cultural e religiosa diversa em nosso país, uma autoconfiança forte no melhor dos sentidos, isto é, também a afirmação consciente de nossa tradição cristã, representa uma boa base. Baba voltou para casa como um homem destruído. Não sabia que a situação estava tão ruim (GRJASNOWA, 2012, p. 137)<sup>5</sup>.

O discurso utilizado, à primeira vista, parece estar interessado no acolhimento da alteridade e na imaginação de uma configuração cultural que deixou o mito do purismo nacional para trás. Na verdade, contudo, a tolerância superficial mascara o desejo justamente de defender uma nação como imaginada nos moldes do século XIX, com a diferença de que naquele século se procurava imaginar um espaço que incluía as diferenças regionais para um projeto político comum, enquanto o discurso do século XX busca excluir a diferença, a fim de manter uma homogeneidade que nunca existiu. Ao conjurar a tradição cristã, esse ator social opta por ignorar os fossos de diferença criados discursivamente, por exemplo no século XVI, para legitimar trinta anos de guerras sangrentas entre luteranos e católicos que, por causa da pureza religiosa, dizimaram grande parte da população.

Enquanto o pai começa a procurar uma casa na Turquia, o filho se dá conta que o problema reside justamente na ausência do desejo de imaginar uma sociedade transcultural, entendida aqui como um espaço de interação no qual diferentes tessituras

---

<sup>5</sup> “Gelungene Integration verlangt Klartext statt Schönfärberei, Konsequenz statt Ausgrenzung. Weltoffenheit, wechselseitiger Respekt und Law and Order gehören zusammen. Und für das Miteinander von Menschen unterschiedlicher kultureller und religiöser Prägung in unserem Land ist ein starkes Selbstbewusstsein im besten Sinne, also auch die bewusste Bejahung unserer christlich geprägten Tradition, eine gute Grundlage. Baba kam als gebrochener Mann nach Hause. Hatte nicht gewusst dass es so schlimm war“ (GRJASNOWA, 2012, p. 137).

de sentido são acolhidas para criar algo novo. Dada o desequilíbrio de poder e de interesses na sociedade hegemônica, Cem acaba criando seus habitats de sentido em volta de outros atores sociais, com percursos de socialização semelhantes, dentre eles a voz narrativa e Sami.

## 2. A experiência árabe

O segundo personagem secundário a ser discutido aqui é Sami, com o qual a protagonista teve um relacionamento no passado e que volta a ser importante no presente diegético. Enquanto o amigo turco, Cem, praticamente negocia sua identidade entre dois polos importantes – entre a Turquia de seus pais e a Alemanha de sua socialização – a trajetória de Sami é muito mais complexa:

Sami nasceu durante a Guerra Civil em Beirute. Albert, o pai de Sami, era suíço, os pais dele italianos, mais tarde, franceses, e ele mesmo era diretor de filial de um banco em Beirute. Logo após o nascimento de Sami, foram transferidos para Paris e francês se tornou sua verdadeira língua materna. Quando tinha treze anos, sua família se mudou para Frankfurt. Quando Sami falava árabe, ele muitas vezes precisa de palavras francesas, Beirute ele só conhecia de viagens de férias, de fotos de jornal e dos longos telefonemas de sua mãe com os parentes libaneses, onde sempre chorava ao final (GRJASNOWA, 2012, p. 127)<sup>6</sup>.

A constituição de sua família o confronta com a presença de membros, cuja socialização é pautada por várias culturas, o que por si implica um desejo intenso de negociar as diferenças e encontrar uma base comum que permita um convívio criativo. Isto é, o seu processo de socialização cultural, ainda antes de deixar o círculo familiar, já está marcado por uma configuração cultural que cria uma tessitura de sentido que transcende a imaginação nacional singular. Esse conhecimento adquirido no seio familiar é potencializado através da mudança para outros países e, por consequência, com o contato com outras culturas. Nesse processo de absorção múltipla de tessituras culturais, não é somente a língua que sofre mesclas, impedindo uma pureza mítica inexistente, também o modo de apropriação de realidade e as modalidades de pertencimento passam por esse processo. Assim, por mais que o Líbano seja um país que adentra seu imaginário pessoal somente por meio da mediação jornalística, ele tem um papel importante em sua concepção pessoal, já que envolve uma configuração afetiva de peso, especialmente no modo como a figura materna dialoga com esse espaço.

Com efeito, Sami absorve esses diferentes sentidos transmitidos pelos pais e os transforma em algo novo. Ainda mais difícil que para Cem, o personagem Sami encontra grandes dificuldades primeiramente de restringir sua lealdade a somente um espaço nacional, em seguida, também de limitar sua concepção cultural às práticas de um único

---

<sup>6</sup> “Sami war während des Bürgerkriegs in Beirut geboren worden. Albert, Samis Vater, war Schweizer, dessen Eltern Italiener und später Franzosen und er selbst Filialleiter einer Bank in Beirut. Kurz nach Samis Geburt wurden sie nach Paris versetzt, und Französisch wurde zu Samis eigentlicher Muttersprache. Als er dreizehn Jahre alt war, zog die Familie nach Frankfurt. Wenn Sami Arabisch sprach, musste er oft französische Vokabeln zu Hilfe nehmen, Beirut kannte er nur von kurzen Urlaubsreisen, von Zeitungsbildern und den langen Telefonaten seiner Mutter mit den libanesischen Verwandten, an deren Ende sie immer weinte“ (GRJASNOWA, 2012, p. 127).

contexto. Como Cem, também ele é constantemente confrontado com a pergunta sobre sua origem verdadeira, já que os membros do grupo hegemônico não conseguem imaginar seu pertencimento ao espaço cultural alemão (GRJASNOWA, 2012, p. 142). Nisso, Sami faz frente ao processo de etnização e estrangeirização – dois focos de apropriação de realidade que destacam a diferença no processo de concatenação narrativa da realidade – com humor, inventando uma origem inexistente, muito mais próxima de um imaginário exótico hollywoodiano.

Assim, ao dizer que vem de Madagascar, onde todos vivem em casas de árvores e se alimentam de bananas, sendo a primeira vez que prova sorvete (GRJASNOWA, 2012, p. 142), Sami resiste às tentativas de exotização, desmascarando não somente a superficialidade das expectativas, mas indicando sobretudo a incapacidade nos membros do grupo hegemônico de imaginar um contexto transcultural. Com efeito, o que ele procura não é a tolerância ou sua aceitação como representante de uma cultura estrangeira. Ele se sente parte desse grupo cultural, mas esse pertencimento só é imaginável a partir de uma reformulação dessa cultura. Semelhantemente àquilo que Cem e também a própria protagonista vivenciam, Sami se vê confrontado com duas configurações culturais que vivem paralelamente. Por um lado, um grupo majoritário que em grande parte permanece imaginando uma nação em moldes essencialistas, com uma pureza ancestral, na qual tudo que é diferente ou que tenha sotaque não tem um lugar previsto. Por outro lado, um geração de atores sociais que centram suas existências e seu pertencimento naquele espaço cultural, mas imaginando-o a partir de concepções inovadoras: novas cores, novos sotaques, novas formas de usar a língua alemã ou outras maneiras de concretizar a vida e seus valores. Com isso, multiculturalismo e transculturalismo vivem lado a lado, como formas de organizar e negociar o sentido.

Essa configuração cultural se torna ainda mais complexa, quando Sami pretende renovar o visto para os Estados Unidos, a fim de realizar estudos de doutorado: “O visto de estudante para os EUA de Sami tinha expirado, normalmente isso era uma questão de duas semanas, mas quando o passaporte continha um nome árabe e o lugar de nascimento em Beirute, até mesmo a cidadania alemã não podia ajudar muito (GRJASNOWA, 2012, p. 110)<sup>7</sup>. Como no caso de Cem, que é confrontado com as concepções essencialistas de professores, também Sami se vê barrado no seu desejo de deslocamento por representantes oficiais da cultura hegemônica. Ao contrário, contudo, dos professores que muitas vezes verbalizam abertamente suas imagens nacionais homogêneas, o consulado, como representado nesse texto, simplesmente impede o deslocamento, sem articular qualquer concepção nacional ou cultural. Apesar do silêncio sobre essa imagem, no entanto, fica claro que a instituição oficial tem uma imagem sobre membros que apresentam determinadas características, definindo-as com base nesses elementos étnicos e assim construindo imagens de essências culturais.

Um conflito parecido, Sami enfrenta quando ainda nos Estados Unidos interage com um jovem de origem egípcia, o qual o confronta com imagens essencialistas da cultura

---

<sup>7</sup> “Samis Studentenvisum für die USA war abgelaufen, normalerweise war so etwas eine Sache von zwei Wochen, aber wenn im Pass ein arabischer Name stand und als Geburtsort Beirut vermerkt war, konnte selbst die deutsche Staatsbürgerschaft wenig ausrichten“ (GRJASNOWA, 2012, p. 110).

árabe (GRJASNOWA, 2012, p. 200). O que no começo parece um movimento de aproximação gentil, rapidamente se transforma numa situação de controle social, com tentativas de imposição de valores e de interpretações de realidade. Por conta de sua socialização transcultural, Sami apresenta grandes dificuldades de manter o diálogo com um interlocutor que, apesar de sua posição minoritária no contexto americano, assume o mesmo discurso étnico da cultura hegemônica, nesse caso contudo, para legitimar a pureza da cultura árabe. Sami se distancia e volta a procurar o diálogo com a ex-namorada judia, a qual faz experiências semelhantes enquanto realiza um estágio em Israel.

Nesse sentido, a configuração transcultural não os exclui somente de grupos culturais diferentes, nos quais representam minorias, essa exclusão acaba ocorrendo também entre atores sociais com a mesma socialização, pois a mudança de visão de mundo, com suas diferenças de comportamento e prática acional cria um estranhamento que parece desacelerar o fluxo de compreensão do horizonte alheio. Com isso, a autora não restringe a discussão às culturas de acolhimento da imigração, mas a leva também para o ponto de origem cultural dessas minorias.

### **Considerações finais**

A figuração dos dois personagens secundários mostra as inúmeras barreiras encontradas por atores sociais pertencentes a culturas minoritárias no momento de inserção no processo de negociação de sentidos. Eles se veem confrontados com inúmeras estratégias de controle e administração cultural que os excluem da participação, por vezes, de forma explícita, mas em grande parte por meio de subterfúgios de uma articulação direta. Com isso, as sociedades nas quais interagem à primeira vista parecem até permitir que circulem e criem seus próprios sentidos. Estes, contudo, sempre são limitados por concepções culturais pautadas por uma essência nacional, na qual a presença da alteridade cultural experimenta grandes dificuldades de inclusão.

Diante desse panorama restritivo, a estratégia adotado pelos dois personagens secundários é a criação de habitats de sentido, nos quais não são os sentidos de uma cultura nacional que predominam, mas sim uma tessitura criada a partir da fusão de diversos elementos, negociados a cada nova interação. Esses habitats se diferenciam daquilo que a cultura hegemônica impõe, mas também se afasta daquilo que predomina em determinados grupos minoritários. Com isso, eles representam uma nova forma de administrar a cultura e representar o espaço social, reformulando o imaginário nacional a partir das margens.

### **Bibliografia**

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- DUPUIS, Gilles. Transculturalism and écritures migrantes. In: NISCHIK, Reingard M. (ed.). **History of Literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian.** Rochester: Camden House, 2008, p. 497-508.
- GRJASNOVA, Olga. **Der Russe ist einer, der Birken liebt.** München: Carl Hanser Verlag, 2012.
- HOFFMANN, Michael. **Interkulturelle Literaturwissenschaft. Eine Einführung.** Paderborn: Wilhelm Fink Verlag, 2006.
- TUNKEL, Nora. **Transcultural Imaginaries. History and Globalization in Contemporary Canadian Literature.** Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2012.